

A ARTE DA REPRESENTAÇÃO DO ‘OUTRO’: VIOLÊNCIA E NEGAÇÃO A HUMANIDADE AFRICANA¹

Umaro Seidi²

RESUMO: No presente artigo analisamos as características da violência que o continente africano foi sujeito ao longo da sua relação com os países/cidadãos da Europa ocidental. A colonização e a escravidão foram dois principais processos que estiveram no cerne da construção da inferiorização de culturas africanas, sujeitos culturais e saberes nesse continente. Por que o africano, a sua cultura e seus saberes são considerados inferiores? Por que, mesmo com estudos científicos comprovando as riquezas culturais da África, ainda assim é considerado por muitos como sem valores? Estas e outras perguntas estiveram no bojo das questões principais que determinaram a elaboração do presente artigo. As reflexões contidas no artigo se centralizam em duas principais análises: a relação histórica e as imagens provenientes dessa, e na representação como uma das formas de manipulação da verdade que foi, por conseguinte, estratégia de dominação, o que impôs ao cidadão desse continente numa posição da subalternidade. Destacamos o papel da arte e literatura na construção das imagens do continente e de seus sujeitos como inferiores, atrasados e avessos a civilização. Por outro lado, é importante que o continente seja compreendido como um espaço plural e multicultural, lugar eficaz na qual se produz ciência(s) e saberes. O artigo foi construído com base a revisão bibliográfica sobre o assunto com a maior parte da literatura composto por estudiosos/as africanos/as ou de africanistas. Conclui-se que, há a necessidade de criar descontinuidades históricas, possível através de construção de saberes que respeitem ou que se adequem ao contexto africano.

Palavras-chave: Violência Ocidental. Colonialismo. Escravidão. Saberes africano.

¹ O artigo foi resultado de avaliação final da disciplina Sociologia Africana 2, ministrada pelo professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira — UNILAB. Aproveito para agradecer aos colegas e ao professor por debates proporcionados ao longo da disciplina. Também aproveito para agradecer ao Mamadu Saliu Djalo pela correção e críticas ao artigo.

² Doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

THE ART OF REPRESENTATION OF THE 'OTHER': VIOLENCE AND DENIAL OF AFRICAN HUMANITY

ABSTRACT

In this article we analyze the characteristics of violence that the African continent has been subjected to throughout its relation with the countries/citizens of Western Europe. The Colonization and slavery were two main processes that were at the heart of the construction of the inferiorization of African cultures, cultural subjects and knowledge on this continent. Why are Africans, their culture and their knowledge considered inferior? Why, even with scientific studies proving Africa's cultural riches, is it still considered by many to be worthless? These and other questions were at the heart of the main questions that determined the preparation of this article. The reflections contained in the article center on two main analyses: the historical relation and the images arising from it, and on representation as one of the forms of manipulation of the truth which was, therefore, a strategy of domination, which imposed on the citizen of this continent a position of subalternity. We highlight the role of art and literature in constructing images of the continent and its subjects as inferior, backward and averse to civilization. On the other hand, it is important that the continent is understood as a plural and multicultural space, an effective place in which science and knowledge are produced. The article was constructed based on a bibliographical review on the subject, with most of the literature composed by African or Africanist scholars. It is concluded that there is a need to create historical discontinuities, possible through the construction of knowledge that respects or adapts to the African context.

Keywords: Western Violence. Colonialism. Slavery. African knowledge.

INTRODUÇÃO

A desqualificação e mesmo negação da humanidade negra vai a par do desqualificar os saberes que os escravizados levados de África possuíam. Neste sentido, a negação epistemológica, a linha abissal epistémica opera, simultaneamente, como uma linha abissal ontológica (MENESES 2018, p. 121).

A história africana, americana e asiática a partir do emblemático nascimento da sociedade moderna e da consciência do sistema capitalista teve um “importante” personagem: a Europa ocidental. Durante muitos séculos, os europeus dedicaram seus esforços e foram movidos pela vontade de penetrar em outras sociedades com o objetivo de dominar e explorar através da expansão de suas culturas, seus impérios, e sua religião — forças que julgaram universais. Neste processo, um dos procedimentos que serviu de instrumento para que tais ações se efetivassem foi por meio de violência (Flores, 2006; Meneses, 2018). A violência ocidental construída neste âmbito se manifesta nos discursos representativos (simbólica) e nas ações práticas (física); o primeiro — seguindo aqui as denúncias do imaginário africano no Brasil denunciado por Oliva (2009) — consiste em exercícios de representação do outro como inferior, este outro considerado de atrasado, sem cultura, sem religião etc. ou seja, um corpo sem alma, e sem identidade própria. Enquanto isso o segundo consistiu-se na configuração das práticas de imposição de normas e formas de viver — cujo efeito, obviamente, exerce poder sobre o corpo dos sujeitos, corpo este, como dissemos, considerado apenas no seu aspecto material —, em invasões sumárias as propriedades e terras africanas; nos sequestros e saqueamentos de riquezas e de mais formas de práticas da violência.

As marcas da violência perpetuada pelos ocidentais nessa época, estão presentes em todas as sociedades que, por infortúnio, tiveram experiências de contato e relação direta ou indiretamente com os invasores colonizadores e “exploradores” nesses continentes. Conforme argumentos de Nah Dove (1998); Nkolo Foé (2013); Oliva (2009); Carlos Cardoso (2012), Achille Mbembe (2001; 2014), as imagens provenientes da época de comércio de escravizados são fortemente violentas e continuam intactas na memória de grande maioria da população de sociedades colonizadoras e conseqüentemente nos espaços em que esses geraram fortes influências. Tal constatação extingue a utopia do “bom invasor” criado por colonizadores que ao longo dos anos justificaram suas invasões e seus atos bárbaros a outras terras e povos como sendo puramente motivadas por interesses em expandir as forças que para eles são universais. Desta forma, estas narrativas visaram salvar os povos, que a até então (na visão ocidental europeia) viviam sob-rumos ao abismo, uma vez que cultuam seus próprios Deuses e praticam culturas totalmente distintas das suas.

No caso concreto do continente africano, a sua relação com o ocidente (Europa, sobretudo) marcada pelos processos de escravidão e colonialismo, produziu efeitos negativos no tocante à valorização do corpo de seus sujeitos e, como consequência, colocou a sua humanidade em questionamento Meneses (2018). Nesta linha, argumenta Mbembe (2001) que, é a narrativa da classificação de espécie efetuada durante a escravidão pelos europeus que introduz, com uma maior acuidade, a exclusão dos africanos no circuito humano, ou ainda que os classifica como inferiores em termos hierárquicos nas espécies humanas que já viveram. Por esta razão, afirma Elisio Macamo:

A soberania duma razão escrita, universal, geral e eterna não conduziu ao conhecimento e à descoberta de África [...]. Não, a soberania desse tipo de razão foi o momento de construção de África naquilo que Valentin Mudimbe, um filólogo de origem congoleza, chamou de "Invenção de África", o triunfo da opinião sobre o conhecimento. A África que somos é, por conseguinte, a África da representação tão essencial à vontade de poder do Ocidente (Macamo 2009, p. 38).

Isso quer dizer que, a imagem do que se tem da África hoje em dia, foi resultado de uma construção temporalmente comandada pelo projeto hegemônico ocidental, que viu na deturpação da essência do continente estratégia principal para a subjugação do cidadão e dos descendentes do continente.

Desta mesma forma, Meneses (2018) também considera que a colonização como sistema de negação da dignidade humana ela simboliza um enorme reflexo do espaço-tempo permeado por sofrimento, lutas, modos de resistências etc. e que atualmente ela é símbolo daquilo que é conhecido como Sul Global, um imaginário espaço em que a África é situada. Como resultado, a periferização do continente e do seu sujeito.

Assim, o esforço em reafirmar a sua existência como ser humano com características físicas e mentais semelhantes a todos, e que apenas é permeado, por condições climáticas, regionais e genéticas, dotado de um tom de pele diferente da do colono é precedido por uma arquitetura sequencial de fatos violentos, e uma delas é a negação da condição humana por meio de narrativas produzidas com o propósito da exclusão deste como principal agente da sua história e conseqüentemente a procura de legitimação de atos trágicos perpetrados pelos invasores, como é o exemplo da escravidão que ceifou milhões de vidas. Daí que, segundo Mbembe (2001, p. 183), “a apologética densidade da afirmação “somos seres humanos como quaisquer outros” apenas pode ser compreendida face à violência da negação que a precede, e que a torna não apenas possível, mas também necessária”; em outras palavras, inevitável.

A condição da existência africana e sua humanidade ao ser questionada acarretaram não só a exclusão física deste sujeito, mas também afeta negativamente sua capacidade criativa e da produção de conhecimento (pois o único conhecimento aceite e julgado universal é aquele produzido pelo ocidente), e, sobretudo é posto em jogo a sua autoestima, uma vez que este é condenado a viver com essas marcas puramente racializadas; ou seja, como diria Kwasi Wiredu (1984) estes eventos — colonialismo e escravidão — impôs ao africano a não confiar em si mesmo. Assim, as imagens advindas dessa relação cicatrizada pelos mais diversos sentidos da violência continuam inflexíveis e intactas na memória histórica, que hoje em dia se manifesta nas mídias e em outros espaços de comunicação (Garzon, 2017).

Um dos mais notáveis impactos dessa violência da manipulação ocidental sobre a África e o corpo preto africano é a demarcação de características físicas, psicológicas e culturais sobre os sujeitos. Esses princípios, apesar de sofrerem resistências ainda se fazem presente no cenário sócio Ocidental e brasileiro, ressalta Oliva (2007). Portanto, com a criminalização de tais atos, em algumas sociedades atuais, especificamente no Brasil, as condutas preconcebidas assumem os modos operandi sutis e dinâmicos. A flexibilização passa a reger as estratégias quotidianas de reprodução de saber impostas por colonos. Por conseguinte, dinamiza-se a estratégia representativa transpondo-o a um plano simbólico. Nestes moldes, o preconceito quotidiano assume suas diversas características e faces em sociedades com uma forte herança ocidental, impondo uma convivência entre preconceito

e integração aos indivíduos que as suas histórias foram estruturadas e imagens construídas por outro — o Europeu ocidental — com uma única finalidade: a manutenção de seu privilégio.

Perante tudo isso, pretendemos neste trabalho propor um debate reflexivo sobre os aspectos da violência presente em narrativas construídas por europeus ocidentais sobre a África e o africano. Representações estas que podem ser observadas no corpo preto/a africano/a como sua marca primeira de identidade. Nossos argumentos se centralizam na articulação de duas formas de violência: a simbólica e a física. Portanto, é importante salientar que as percepções da violência nesta perspectiva de análise, são atreladas às representações homogêneas/homogeneizantes, pejorativas, tendenciosas e que não condizem com as realidades plurais das sociedades africanas; representações estas que continuam marcando a vida cotidiana das pessoas (através das mídias e a academia, em partes), e que, de modo sinistro contribuem transversalmente nessa infinita opressão destes sujeitos e seus descendentes. Aliás, como disse Garzon (2017) estas são à base do racismo estrutural e do preconceito em distintos aspetos socioculturais.

O artigo foi construído através de revisão bibliográfica e se embasa em algumas importantes obras de autores africanos sobre a África, como o Achille Mbembe (2001; 2014; 2018); Toyin Falola (2007) e Nkolo Foé, (2013). Tendo estes autores como principais suportes teóricos, dialogamos com outras obras que contribuíram no enriquecimento do debate. Argumentamos que, é necessário entender a África como uma realidade plural e multicultural, um espaço vivo para o desenvolvimento de ciência e lugar de intelectuais endógenos, e que, por outro lado, é imperativo intuir que as formas de representação pejorativas impostas ao corpo e identidade africana são derivadas de construções oriundas em discursos arquitetados há séculos, estas construções, aos poucos, se enraizaram e foram transformados em realidades peremptórias, transmitidas por meio de arte e literatura a serviço dos colonos. Desta forma, o caminho para reverter tais narrativas passa pelo empenho ao enfrentamento árduo dos desafios impostos, buscando instituir as verdadeiras narrativas daquilo que é a essência do continente e de seu sujeito. Ou como recomenda Hountondji (2008), contar a história, sociologia, filosofia, antropologia etc. africana a partir de uma perspectiva africana.

1. ENQUADRANDO A VIOLÊNCIA

Um dos principais problemas que Misse (2015) identifica no seu trabalho sobre a conceituação da categoria violência na sua relação com a teoria social é o caráter mutável do termo. Conforme o autor, atualmente a violência assume características que não se tinha a sua noção nos períodos anteriores. A violência tem tido percepções modernas em termos conceituais, por isso, há uma necessidade de compreender o seu sentido plural. Nesse contexto, o termo violência remete a ações que afetam sujeitos fisicamente, psicologicamente, moralmente etc. e que podem ser praticadas através de atos envolvendo corpos e ou usando ferramentas a disposição que possam auxiliar na criação de narrativas sobre algo ou alguém, como as redes sociais, para dar um exemplo atual.

É nessa pluralidade conceitual que flutua a concepção da violência simbólica. Este conceito empregado pelo importante teórico francês, Bourdieu (1989), remete a práticas de manipulação e formas de persuasão de indivíduos por meio do uso de símbolos estruturais. Os símbolos que legitimam a autoridade de outrem são usados para coagir e conseqüentemente fazer prevalecer verdades construídas e manipuladas. A violência se torna um caso muito mais perigoso quando atrelado às questões da raça; suas conseqüências são absolutamente sinistras no corpo de quem é sujeito a esse tipo de opressão.

As relações África e Europa ocidental foram moldadas com base a manifestas distorções da verdadeira peculiaridade africana, com a finalidade de fazer prevalecer narrativas que inferiorizam cidadãos desse continente. Essas narrativas construídas por invasores movidos por espíritos de superioridade que não pouparam esforços para transformar seus desejos em realidades, mesmo que por meio de atos sádicos. A arte e literatura científica ocidental foram importantes nesses termos. Os dois foram usados como instrumentos para a legitimação duma violência coletiva sofrida por povos africanos em seus lares e fora deles. Foi necessário apresentar/representar o africano como diferente, mas, sobretudo inferior ao próprio invasor europeu; era necessário dizê-lo que não é civilizado, portanto, o seu lugar não ultrapassa a subalternidade. Na arte visual, por exemplo, apresentou-se uma vasta gama de obras sobre o negro africano, o sexualizando e exibindo-o como primitivo³. Ou ainda, o retratando como naturalmente submisso, conforme pode ser observado na obra “hora do jantar” de Jean-Baptiste Debret:

³A pintura “Gennea” retratada a partir da obra do Valentim Mudimbe (fig. 2) caracteriza o nu africano, conforme descrito na obra: “O nu africano representado [...] está em conformidade com a regra clássica do *contrapposto*, expressa no equilíbrio entre as partes simétricas do corpo em movimento: um ombro inclinando-se sobre uma perna, o outro ombro erguido acima da perna livre. Adivinha-se que este homem foi copiado de um modelo clássico, a que o artista atribuiu as características, joias e armas de um povo exótico ainda fortemente ligado à natureza”, (KUNST, 1967:19-20 apud MUDIMBE 2019, p. 11).



Debret (1839) disponível em:
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Brazilian_family_in_Rio_de_Janeiro_by_Jean-Baptiste_Debret_1839.jpg

Na literatura portanto, o mesmo foi descrito como um ser mentalmente incapaz de se assumir, se guiar, deste modo, teria necessidade da intervenção exterior, e quem foi merecedor desta missão era o próprio ocidental, como o trecho a seguir sobre o argumento em favor da colonização retrata: “Em África não existem costumes, tradições ou regras políticas solidamente estabelecidas. A maior parte das tribos indígenas vive em plena barbárie [...]” (CAYOLLA 1912: 99 apud MENESES 2018, p. 124).

A arte e literatura foram fundamentais na criação de narrativas violentas sobre o preto africano e na expansão dela. Essas narrativas que ganharam o mundo até hoje se manifestam em condutas conformados as visões ocidentalizadas.

2. AS POLÍTICAS DA VIOLÊNCIA REPRESENTATIVA MEDIANTE METAMORFOSE DA INTERAÇÃO

Alguns estudos evidenciam que a África é o primeiro lugar na qual se teve informações e sinais vitais do ser humano. Um dos argumentos apresentados por estes estudos é a descoberta de ossos humanos encontrados no continente e que possivelmente se datam mais de noventa mil anos (90.000). É o caso da Nah Dove (1998) que num diálogo

com o Djop (1955/1974, 1959/1990, 1981/1991a, 1991b) afirma que, a África é sim o primeiro lugar no universo a ser habitado pela sociedade humana. Deste modo, é a partir desse continente que nasceria a consciência do que hoje chamamos de cultura humana. Aliás, a grande maioria de sociedades posteriores “consumiriam” da cultura africana para assim definirem as suas singularidades, devido a sua relação histórica com o continente berço. A autora afirma que, num passado ancestral, diferentes povos de mundo, inclusive os ocidentais, imigrariam para *Kemet* (atual Egito) para aprenderem filosofia, arte, política etc. assim, esses dados que evidenciam a ligação, e sobretudo uma certa dependência, das sociedades ocidentais ao continente africano abala profundamente a supremacia colonial europeia.

No entanto, a história nos proporciona uma compreensão de como foi à relação entre o continente africano e outros mundos criados posteriormente (no caso específico do mundo ocidental europeu). Por meio da história, segundo Macamo, compreenderemos que “o comércio de escravos foi possível e tolerado dentro dum contexto discursivo que apregoava a dignidade humana”, (Macamo, 2009, p. 36); ou “que o poder colonial [é] um dos primeiros carrascos da “palavra” em África, (Macamo, 2009 p. 46). Desta forma, é através desse regate histórico que podemos compreender de uma forma ampla como essa interação tem evoluído e assumindo diversas faces: se metamorfoseando. Nesta perspectiva, é a própria história que tem apontado para um marco da interação violenta entre cidadãos desses dois mundos, uma violência que beneficia aos que se autodenominaram de civilizados. De acordo com Foé (2013); Cardoso (2012) a vinculação África e Europa ocidental se caracteriza pela violência e opressão. E que nesse diálogo a África tem estado em desvantagem, uma vez que o sistema-mundo (capitalismo) inventado pelo ocidente predominou o universo, e cada vez mais entra em conflito com as realidades locais africanas, pois de tudo faz para poder apagá-las da existência.

Por meio da história, Akrong (2016) afirmou que, os primeiros europeus que pisaram no continente africano eram migrantes que simplesmente buscavam espaços que podiam lhes servir de sobrevivência, e assim construir melhores condições de vida, o que as suas terras não os oportunizava. Akrong destaca que, havia respeito mútuo entre esses e os cidadãos. Tinham a oportunidade de se casarem com os nativos e eram tratados como “filhos de *tchon*”⁴:

Eles [os primeiros europeus que foram à África antes do colonialismo] comiam a comida local, casavam-se com as mulheres locais, eram tratados pelos médicos e herbalistas locais, consultavam padres tradicionais sobre questões espirituais, consultavam líderes locais sobre questões políticas e faziam isso com um profundo devido respeito pela cultura que lhes fornecia seu meio de sobrevivência (AKRONG, 2016, p. 621).

Apesar desse relato é preciso apreciar as entrelinhas dessa relação descrita pelo autor. As estratégias de inserção social não poderiam ser violentas nos primeiros momentos da chegada europeia, dado que não tinha uma base estabelecida, além do mais era necessário ter noção e “mapear” os espaços como um todo para efetivar os desejados projetos coloniais e escravocratas, para isso nada melhor que se vincular a comunidade local, disfarçando ser um deles e conseqüentemente ser reconhecido entre os membros da

⁴ Uma categoria de análise encontrada na obra de Monteiro (2019). Segundo a autora, filhos *di tchon* remetem a guineenses que nasceram em Guiné-Bissau, cujos pais também são guineenses por nascença. Assim, a menção de filhos de *tchon* nesse artigo diz respeito a africanos nascidos e residentes em África; os que acolheram europeus nas suas primeiras viagens a esse continente, conforme descrito na obra de Akrong.

comunidade; ‘ter mesmos direitos e exercer mesmos deveres’. Estratégias que, possivelmente, não foram tão difíceis de serem efetivadas, pois uma parcela significativa dos povos africanos é hospitaleira e receptiva o que provavelmente seria elemento principal que ocasionaria demora em descortinar a traição dos ‘hospedes’ por eles abrigados, que aos poucos saiam da condição de acolhido para se sentir proprietário das terras e dono das riquezas locais.

Ao instituir confiança e serem considerados como membros da comunidade, alguns donos de terras ofereceram terras para estes cultivarem produtos que pudessem lhes garantir sobrevivência (Akrong, 2016). Esta estratégia permitiu com que “descobrissem além de leões e animais ferozes que em mapas se retrata o continente africano, mas também riquezas naturais e povos proprietários de tais fortunas”, ironiza Ki-Zerbo (2010). O autor afirma que, a história africana sempre foi representada como marginal, servil e periférico. Os mapas mundis que retrataram o continente viam nele histórias canibais, depois de se envolverem nessas comunidades descobriram tesouros e junto a esses os seus donos que depois, além de serem desapropriados de suas riquezas, foram eles mesmos mercantilizados.

Com a descoberta desses recursos naturais, a relação entre os dois começa a ganhar uma outra dimensão, a de suspeitas, o que depois constituirá o marco que viria a mudar essa relação supostamente ‘boa e saudável’ descrita por Akrong. Descobre-se que, ninguém atravessa milhares de quilômetros só para ir dizer a outras pessoas que a sua religião é falsa, disse (Macamo, 2009, p. 37) em referência ao Chinua Achebe, um dos mais importantes escritores nigerianos.

Com esta mudança, passa-se a demonizar o/a africano/a incluindo seus saberes, seu corpo e, sobretudo, sua identidade. Iniciam-se as “grandes” navegações em direção a “terra de ninguém”. A era de saquear espaços, de invadir e roubar; a era da escravidão, que posteriormente viria a ser colônia, e espaço de abuso/uso da fé para imposição a doutrinas.

Com a corrida da invasão ocidental, a África e, especificamente o africano, foi arquitetado na história como primitivo, sem cultura e incapaz de lidar com os imensos bens que estavam a seu dispor. Aliás, o próprio corpo africano (sobretudo preto) fora considerado como uma matéria que precisava ser explorada, e a melhor forma de o fazer era submetê-lo a trabalhos pesados e desumanos, castigá-lo e não o alimentar, afinal, este apenas aparentava ser um ser humano devido seu tipo físico corporal e estatura, mas a mentalidade, a cor e seu costume eram infantis, por esta razão não tinham capacidade de tirar proveito da sua rica natureza. Desta forma, era necessário que ele fosse civilizado, educado e batizado. Posteriormente, o continente africano fora visto como espaço que necessitava de aderir ao desenvolvimento (conceituado numa perspectiva europeia) para poder se libertar do atraso e do mal na qual se encontra. Os ocidentais buscaram se apropriar de técnicas cruéis para escravizar, desumanizar e utilizar o corpo preto africano como seu objeto particular, em nome de “salvação”.

A violência nesses aspectos reivindica fundamentos dos mais variados, sendo ela exercida por instituições e indivíduos singulares. Na invasão do continente africano, por exemplo, tivemos as mais variáveis justificativas para o exercício da violência perpetuada pelo homem europeu. A primeira delas foi que era preciso civilizar o outro através duma cultura que esse invasor considera de superior e universal. No mesmo grau de peso estava também a expansão da sua religião. Segundo este, esta religião era única existente e

verdadeira, assim, por razões divinas, era necessário que todos aderissem a ela. Aliás, para eles é o único caminho para a salvação.

Sobre este facto, Akrong (2016) afirma que, após a chegada dos missionários colonos no continente africano, a perspectiva relacional mudara de forma drástica. Abandonou-se o respeito mútuo que havia existido entre o africano e o ocidental imigrante; assumiu-se uma nova direção caracterizada por violência e segregação com estes missionários. Na interpretação do autor, estes utilizariam a fé para impor suas formas de viver e tendências de superioridade. Para isso, haveriam de manipular os enunciados bíblicos, por tanto, a necessidade de retratar os africanos como selvagens. Estratégias que serviriam como aporte para a dominação cultural, espiritual e, sobretudo, o controle do corpo.

No florescer do século XX até o século XXI, a interação entre os dois assume outros rumos. Em vez de incapaz, a África aparece como continente de esperança e do futuro, que precisa do ocidente e do ocidental para que esse futuro possa ser concretizado, pois só este é capaz de identificar as tecnologias e ferramentas necessárias para sair dessa situação; falamos das épocas de efetivas explorações da colonização e de resistências africanas, e consequentes conquistas gloriosas das “independências”. Num lado antagônico a essa visão, a África é considerada o continente pobre, estancado no tempo, incapaz de se conduzir sozinho; berço de guerras e a caixa pandora. Deste modo, há que se ter “ajuda humanitária” ocidental. Razão pela qual não faltam organizações financiadas e com sedes no ocidente, que são coordenadas e orientadas por indivíduos que ao longo do tempo invadiram e saquearam bens materiais e humanas do continente africano, como são os casos das grandes empresas filantrópicas, na qual o Fundo Monetário Internacional (FMI) o Banco Mundial (BM) são exemplos.

3. REPRESENTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE DOMINAÇÃO

Como a história nos revelou, a interação ocidente e outros mundos foi caracterizado com uma dose expressiva de violência. No caso concreto do continente berço o centro da gravidade entre este e ocidente também foi amparado nos moldes desses fios de condução, e com maior intensidade e duração. Há quem acredita que detritos da dominação europeia continuam presentes no continente africano, por exemplo, Meneses (2018) sobre o caso da dominação portuguesa em Moçambique; Cardoso (2012) sobre a possibilidade da ciência em África, e entre outros teóricos. Esse tipo de dominação é designado de colonialidade, tanto de poder assim como a de saber Mignolo (2017). Para este autor, o lado mais escuro da moderna sociedade é este fenômeno: a colonialidade. No entanto, este é um debate longo e que não pretendemos nos mergulhar.

A dominação europeia por períodos longos e violentos em África foi marcada não só pelo exercício de violência física, mas também a moral, psicológica e simbólica, como ressaltamos anteriormente. Conforme argumentamos até aqui, algumas estratégias foram propícias para que essas violências fossem efetivadas, e uma delas é por meio de representação do africano feita por homens e mulheres da arte em suas obras — como livros, filmes, desenhos, literaturas e novelas. Constituiria uma redundância, mas não custa esclarecer que dominar constitui no mergulho e desenvolvimento de técnicas mais profícuas de “manipulação”. Aliás, a arte em si significa ter domínio de técnicas, as quais são usadas como métodos para manipular visões, expressões, e, sobretudo se comunicar de uma forma não rotineira com leitores e apreciadores.

Por exemplo, no livro “Crítica da Razão Negra” Mbembe (2014) analisa a construção da categoria “raça” numa relação com o capitalismo moderno impulsionado pelos estados ocidentais. A obra fornece uma compreensão sobre a construção dessa categoria, assim também como a de negro, da África e das relações raciais como um todo. Com uma linguagem filosófica, o autor denuncia as representações pejorativas e construções negativas em torno do conceito da raça. Nas expressões do autor, “ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada” (Mbembe 2014, p. 11).

Nessas concepções, o negro, sobretudo africano, é atrelado a um enigma, um fantasma criado por outro como sendo o lado mais sóbrio desse universo: a perversão que o mundo construiu. É preciso ruir e aniquilar esse fantasma, ou ele tem que se reinventar e manipular a morte social a ele exposta. O autor usa de sua obra para reivindicar/denunciar uma violência a ele sujeita na condição de africano e preto.

Uma grande quantidade de discursos produzidos no e pelo ocidente (pinturas, desenhos, literatura, imagens cinematográficas etc.) proveniente da era de escravatura e posteriormente da colonização falando sobre a África e da sua gente, constatam-se uma deturpação daquilo que é a real imagem destes. Esses discursos procuraram representar o homem africano assemelhando-o ao selvagem, sem capacidade de evoluir e avesso a tradições “modernas”. Compreensões que ganharam contornos e prevalecem até a data presente. A fabricação de identidades e categorias constitui uma das expressões de mudanças no exercício da violência sobre o continente africano. Isso porque, impõe a construção de uma identidade a partir de visões exteriores, inferioriza-o, coopera no extermínio cultural e, sobretudo, impregna um sentido permanente da desvalorização identitária e cultural sobre este. A arte ocidental, impulsionado pelo sentido político da manutenção de ordem da dominação, foi movida e expressa em um viés da violência simbólica, criando narrativas farsantes e interpretações controversas das culturas africanas, sem ao menos se atentar as perspectivas e nem sentidos das expressões locais a qual predominam nas linguagens e cultura-identitárias. Buscar calcar, animalizar ou desumanizar o outro para humanizar a si mesmo e realçar a sua “bravura”, um egocentrismo exacerbado.

Valentim Mudimbe (2019) já apontava para a necessidade de entender as transformações e rumos com que as violências perpetuadas sobre o continente africano vêm assumindo. Conforme ele, para que se efetive uma revolução e mudança no curso da história do continente africano será necessário compreender o curso das mudanças que a dominação tem se direcionado atualmente, sobretudo no sentido político e ideológico da sua expressão e suas práticas etnocêntricas. Como a África e seus povos têm sido vistos atualmente? Como eles são representados nas mídias, literatura, arte, e em outros lugares e bastidores?

Basta se atentar aos acontecimentos cotidianos aos nossos arredores para encontrar respostas sobre essas perguntas. Como a mídia veicula a imagem do continente, de seus filhos e seus descendentes fora dela? quais as concepções e pontos de vista que pessoas com quem nos relacionamos cotidianamente têm desse continente e de seu povo? Possíveis respostas a essas perguntas não serão vagas, elas são embasadas em experiências anteriores a qual aprendemos em algum momento da vida, e muitas vezes as fontes desses aprendizados que reproduzem a África da caixa de pandora estão contaminadas.

A representação negativa da cultura africana e do povo africano envolveu as duas partes em uma espécie de conflito cultural, em que um procura se reafirmar e demarcar a sua singularidade, definindo quem de facto é, enquanto o outro se esforça em homogeneizar a sua compreensão cultural e conseqüente eliminação da visão oposta e abnegação da pluralidade social e cultural deste outro. Sobre esta tentativa, Nah Dove (1998) entende que a única base uniforme de cultura das sociedades africanas que se pode encontrar é o matriarcado, do resto todas as etnias de diferentes regiões africanas possuem suas singularidades. Ela afirma que a homogeneização cultural foi o método encontrado pelos europeus para impor suas supremacias. Portanto, toda e qualquer tentativa de homogeneização encontrada além dos enunciados sobre o matriarcado, seriam apenas as continuidades ininterruptas do projeto-dominância. Aliás, como afirma Foé (2013), de tanto acreditar na sua superioridade e inferioridade que ele impôs ao outro, o ocidente não aceita diálogo recíproco com outras culturas e povos. Ou ainda como afirma Garzon (2017) o atraso africano e de seu povo que é veiculado só pode ser compreendido por meio de racismo arquitetado na escravidão.

O africano numa visão eurocentrada é vista na maioria de vezes como selvagem e bárbaro. A distorção da história gerou o efeito que incentivou o emprego desta narrativa — o efeito halo: a barbaridade que o ocidental europeu praticou/pratica ao invadir, escravizar, colonizar e matar homens, mulheres e crianças africanas em nome da salvação, hoje é atribuído ao outro. Ou seja, os atos de resistência materializados após séculos de opressão, inocentam o selvagem e foram atribuídas ao inocente/oprimido, o transformando no selvagem, bruto e canibal. Para Foé (2013) ele “a cosmização ou a civilização dos países conquistados acaba simbolicamente pela captura, pela matança ou pela escravidão do indígena, que toma então a figura do monstro ou do dragão” (p. 182). Isto é, a metamorfose relacional só é benéfica a quem a história for favorável.

De tanto ser excluído dos radares civilizatórios, o africano é afetado com as representações impostas em produções de saberes endógeno e científicas. A ciência no solo África é afetada pelas deformidades e imposições metodológicas elaboradas ao longo da história dessa relação. O continente africano e as produções de conhecimento de lá oriundos, são desvalorizados, descaracterizados e desrespeitados, uma vez que, segundo as “justificativas” ocidental-europeias, não se adequam ao modelo/método padrão; método este que na sua invenção considerou apenas uma realidade social: a ocidental, Falola (2007). Logo, ciências em África e pesquisadores deste continente são obrigados a seguir um modelo previamente definido, sem questionar e sem a possibilidade de adequar este modelo às sociedades na qual residem ou são nativos, pelo contrário, são os pesquisadores em suas terras, estudando suas realidades, que devem adequar-se ao modelo estrangeiro, posto que, seus métodos são primitivos, ou nem existem. Produções fora desses padrões são simplesmente descartáveis.

Essa arte representativa inexoravelmente continua presente nas sociedades modernas, embora tenha assumido caráter distinto — vide as reportagens que são feitas atualmente sobre o continente ou de seu cidadão nas mídias ocidentais, ou com tais vieses. Além de o continente ser apresentado como pobre, narrativas sobre sua desestruturação, sua miséria e doenças crônicas, ganham capas em jornais, enquanto isso, boas práticas que decorrem no continente são postas de lado. Nesse âmbito, os meios de comunicação continuam a serviço do projeto colonial. As mídias continuam reproduzindo pensamento e imagens violentos cuja sua validade só faz sentido a quem na verdade não conhece e nem teve a experiência da realidade do oprimido.

Um exemplo disso tem a ver com matérias que diariamente ocupam capas de jornais⁵ publicadas sobre o continente na qual este é atrelado a pobreza, a doenças e a todos os males do universo. Portanto, mais uma vez, faz sentido reproduzir o sábio provérbio: Enquanto os leões não conseguirem contar as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis nos contos da caça.

4. REFLEXÕES FINAIS

A interação entre a África e o mundo europeu ocidental tem despertado interesse de pesquisadores africanos e africanistas no ambiente acadêmico. Em períodos recentes, incentivou-se que tais pesquisadores contribuíssem em escrever a história do continente e conseqüentemente dos seus povos, um dos resultados disso é a produção de quatro volumes da “Historia Geral de África”, de 2010 editado por Joseki-Zerbo, além de coletâneas como “O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades Através de Perspectivas Africanas” de 2016 editada por Helen Lauer e Kofi Anyidoho, e “Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas”, de 2012 cuja edição foi feita por Teresa Cruz e Silva, João Paulo Borges Coelho e Amélia Neves de Souto, além de inúmeros artigos, monografias, teses, e produções de outros gêneros, com temas voltados a questões da história e realidade africana. Estes estudos buscam entender o continente a partir de suas pluralidades e peculiaridades. Ou seja, os leões devem e podem contar as suas histórias através desses projetos emergentes; o caminho é esse.

Quando se refere a estas obras emergentes no sentido de contar as histórias de África, estamos referindo e concordando com falecido Houtondji (2008) sobre a verdadeira produção de estudos africanos. Estudos estes que não necessariamente devem ser feitos por africanos, mas na sua forma e conteúdo devem relatar o que, em essência, a África é. Portanto, os africanos devem assumir a condução destes.

Mesmo sabendo que, não “será em pouco tempo que vamos suprir as lacunas que nos foram legadas pela colonização” Macamo (2009, p. 41), projetos do tipo que acima mencionamos criam ruptura epistemológica, metodológica e pedagógica de produção, e articulam formas de descontinuidades históricas, buscando desaprovar as representações opressoras e homogeneizantes que foram instituídas ao longo do curso da história. Estes estudos vêm à necessidade de demarcação e reconhecimento de territórios e fronteiras de saberes e de valorização das identidades africanas. Desta forma, será preciso reestruturar e reconstruir a imagem do continente e de seus povos como forma de criar narrativas que contradizem as perspectivas europeias.

Como dizia Mbembe (2014), há que se ressignificar a identidade africana e conseqüentemente apresentar verdadeira face do que o outro é. É imperativa a criação de uma descontinuidade histórica; um método que cessa a homogeneização e hegemonia de um sobre outro, afinal de conta somos todos a mesma espécie: humana. Este seria um dos maiores desafios de pesquisadores e cidadãos africanos e africanistas, no entanto, seu papel social, acadêmico e político. Porque, o ínfimo detalhe que se pode apetecer de sujeito

⁵Ebola é o vírus da pobreza e escancara a desigualdade, mal do século. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/ebola-e-o-virus-da-pobreza-e-escancara-desigualdade-mal-do-seculo.html> acesso em: 06/02/2024.

que ao longo do tempo clamou para a sua inexistência e de tudo fez para destruir a sua existência é o reconhecimento de erros e verdadeiro esforço pelo conserto destes.

As reflexões aqui apresentadas apontam que a arte representativa assume múltiplas facetas à medida que vem sendo combatido em diversos sentidos. Ela é constituída por uma enorme capacidade de se metamorfosear com detalhes minimamente delineados. O combate à violência, tanto física assim como simbólica sobre a identidade africana tem que se atentar a arte, mídia e literatura. A primeira e a última foram tradicionalmente conhecidos por serem caminhos utilizados para a construção do que o preto africano e seus descendentes é hoje em dia, numa visão ocidental. Enquanto a mídia tem sido o “novo” caminho para a circulação dessas imagens.

Como enunciamos no começo deste texto, nosso principal objetivo é refletir as representações violentas do corpo preto africano, representações estas oriundas da escravidão e da colonização, mas cuja permanência foi possível por meio de arte, mídias, literatura, cinema etc. Caminhos aqui identificados apresentam uma resistência e combate a tais representações negativas a sujeitos africanos, porém são necessários maiores incentivos e políticas para que haja maiores engajamentos nessas lutas.

REFERENCIAS

- AKRONG, Abraham A. A Religião Tradicional Africana e o Cristianismo: Continuidades e Descontinuidades. In. **O resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas**. Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). Brasília: FUNAG, 2016.
- BÂ, Amadou Hampatê et al. A Tradição Viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.
- BOURDIEU, Pierre et al. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CARDOSO, Carlos. Da possibilidade das Ciências Sociais em África. In. SILVA, Teresa Cruz; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África**: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas: (textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança). Dakar, 2012.
- DOVE, Nah. **Mulherisma Africana**: Uma Teoria Afrocêntrica. *Jornal de Estudos Negros*, v. 28, n. 5, p. 1-26, 1998.
- FALOLA, Toyin. **Nacionalizar a África, Culturalizar o Ocidente e Reformular as Humanidades na África**. *Afro-Ásia*, n. 36, p. 9-38, 2007.
- FLORES, Joaquín Herrera. Colonialismo y violencia. Bases para una reflexión pos-colonial desde los derechos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 75, p. 21-40, 2006.
- FOÉ, Nkolo. África em Diálogo, África em Autoquestionamento: Universalismo ou Provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou Iniciativa Histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Editora UFPR.
- GARZON, Sônia Maria Pereira. A Face Oculta do Racismo no Brasil. *Revista Reflexão e Crítica do Direito*, v. 5, n. 5, p. 47-58, 2017.
- GONZALEZ, Amélia. **Ebola é o Vírus da Pobreza e Escancara a Desigualdade, Mal do Século**. G1 13/08/2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/ebola-e-o-virus-da-pobreza-e-escancara-desigualdade-mal-do-seculo.html> acesso em 02/02/2024.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 149-160, 2008.
- KI-ZERBO, Josef. *Historia Geral da África: Metodologia e Pré-história da África*. Editado por Josef Ki-Zerbo. Vol 1, 2ª edição. rev. Brasília: UNESCO 2010.
- MACAMO, Elísio Salvado. Relações entre o Brasil e a África: os desafios da produção dum conhecimento crítico. *Estudos de Sociologia*, v. 2, n. 15, p. 35-47, 2009.
- MBEMBE, A. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 23, p. 171-209, 2001
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. de Marta Lança. Lisboa, Edt. Antígona Editores Refratários, 2014.

MENESES, Maria Paula. Colonialismo Como Violência: a “Missão Civilizadora” de Portugal em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. especial, p. 115-140, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, 2017.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A Invenção da África**: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Ed. Vozes, 2019.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção da África no Brasil: Os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros dos séculos XIX e XX. 2009.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições Sobre a África**: Diálogos Entre as Representações dos Africanos no Imaginário Ocidental e o Ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005). 2007. Tese de Doutorado.

WIREDU, Kwasi. Como Não se Deve Comparar o Pensamento Africano com o Ocidental. Tradução para uso didático feita por Marcos Carvalho Lopes, a partir de: WIREDU, Kwasi, 1984.